

FRANCÊS PARA FINS DE ESTUDO E TRABALHO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DA 1^a SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NA ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca ¹
Stéphanie Soares Girão ²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras – Francês da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e realizada na Escola Estadual Ten. Coronel Cândido José Mariano, de Ensino Médio, da rede estadual do Amazonas (SEDUC-AM). A experiência consistiu na criação e implementação da disciplina eletiva “Francês para fins de estudo e trabalho”, voltada para estudantes da 1^a série do Ensino Médio, no contexto do novo arranjo curricular proposto pela BNCC e pelas diretrizes do Novo Ensino Médio. A proposta teve como objetivo promover o contato inicial com a língua francesa de maneira significativa, relacionando o aprendizado linguístico às aspirações acadêmicas e profissionais dos estudantes. Cabe destacar que, embora a atividade tenha ocorrido no contexto da atuação de uma das autoras como bolsista do PIBID na área de francês, ela já exercia a função de professora de Língua Portuguesa na mesma escola, área correspondente à sua formação inicial, o que proporcionou uma mediação mais sensível às realidades escolares. A orientação da proposta, por sua vez, esteve pautada no compromisso com uma formação docente crítica, reflexiva e socialmente referenciada. A metodologia adotada foi baseada em uma abordagem comunicativa, lúdica e intercultural, com o uso de materiais multimodais e estratégias didáticas que valorizassem o protagonismo discente. A disciplina foi pensada como espaço de valorização da diversidade linguística e cultural, de fortalecimento da autonomia dos estudantes e de ampliação de seus repertórios simbólicos. Como resultados, observou-se o despertar do interesse dos alunos pela língua francesa, maior engajamento nas aulas e o reconhecimento da relevância de línguas adicionais para o exercício da cidadania e para a construção de projetos de vida.

Palavras-chave: Francês como língua adicional, Educação linguística, BNCC, Ensino Médio, PIBID.

INTRODUÇÃO

¹ Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília - UnB, professora de Língua Portuguesa - SEDUC, profamariagabriellafonseca@gmail.com;

² Doutora em Lingüística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, professora do Departamento de Letras Francês - UFAM, stephaniegirao@ufam.edu.br



Este artigo apresenta um relato de experiência pedagógica realizada na Escola Estadual Ten. Coronel Cândido José Mariano, de Ensino Médio, da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC-AM)³. A experiência consistiu na criação e implementação da disciplina eletiva “Francês para fins de estudo e trabalho”, ofertada a uma turma da 1^a série do Ensino Médio, no contexto do novo arranjo curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias, conforme previsto pela BNCC e pelas diretrizes do Novo Ensino Médio.

A proposta insere-se no contexto das reformulações curriculares promovidas pelo Novo Ensino Médio (2018), que ampliou o papel da escola na formação integral dos jovens, valorizando a articulação entre os saberes escolares, os projetos de vida dos estudantes e os contextos socioculturais e profissionais. A oferta de uma disciplina de francês, com enfoque funcional e contextualizado, busca ampliar os repertórios linguísticos dos alunos, diversificar o acesso ao conhecimento e proporcionar um contato significativo com uma língua estrangeira ainda pouco difundida no currículo escolar brasileiro.

A experiência ocorreu em uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em Manaus, Amazonas, e envolveu aproximadamente 33 estudantes entre 15 e 16 anos, durante um semestre letivo com carga horária semanal de uma hora-aula de 48 minutos. O objetivo principal deste relato é descrever as etapas de planejamento, desenvolvimento e avaliação da disciplina, refletindo sobre suas contribuições para a formação dos estudantes, os desafios enfrentados e as possibilidades de articulação com a área de Linguagens, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao longo da disciplina, buscou-se promover o desenvolvimento das competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, especialmente no que se refere à compreensão crítica das diferentes linguagens e práticas discursivas, à valorização da pluralidade cultural e linguística, ao uso ético e criativo da linguagem em contextos sociais diversos e à reflexão sobre as línguas como fenômenos históricos, sociais e identitários. A proposta favoreceu o exercício da empatia, da escuta ativa e do respeito às diversidades, ao mesmo tempo em que incentivou o protagonismo dos estudantes na produção de sentidos e na elaboração de projetos pessoais e coletivos, alinhando-se aos princípios de uma educação democrática, inclusiva e cidadã.

³ Este artigo apresenta um relato de experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras – Francês da Universidade Federal do Amazonas sob a coordenação da Profa. Dra. Stéphanie Girão.



METODOLOGIA

A disciplina “Francês para fins de estudo e trabalho” foi implementada entre os meses de fevereiro e julho, com encontros semanais, em uma escola pública de tempo parcial, contando com a participação de 33 estudantes da 1^a série do Ensino Médio. A iniciativa foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras – Francês da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob supervisão de uma professora formadora da universidade e com o apoio da coordenação pedagógica da escola.

O planejamento da disciplina foi organizado em duas grandes etapas. A primeira, de introdução à língua francesa e à comunicação básica, concentrou-se entre os meses de fevereiro a abril, com o objetivo de capacitar os estudantes a se apresentarem em francês e compreenderem estruturas linguísticas simples, necessárias para interações iniciais. Os conteúdos contemplaram elementos fundamentais da gramática e do vocabulário, como os dias da semana, os meses do ano, os números, os pronomes pessoais, os verbos être (ser/estar) e avoir (ter), os adjetivos qualificativos, as cores e as nacionalidades, dito de outro modo, a primeira parte teve foco central na sensibilização à língua francesa.

Para a consolidação dos conteúdos, foram aplicadas atividades lúdicas e colaborativas, tais como bingo de números e datas, jogos de adivinhação (Qui suis-je?), atividades orais guiadas e produção de pequenos diálogos. Essas estratégias buscaram promover um ambiente de aprendizagem dinâmico, acessível e afetivo, favorecendo a participação ativa dos estudantes e o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas iniciais, além do apreço pelo novo idioma.

A avaliação da primeira etapa envolveu dois momentos. A AV1 (1º trimestre) consistiu em uma verificação escrita, complementada por uma apresentação oral individual em francês, em que cada estudante se apresentou de forma orientada, incluindo informações como nome, idade e uma qualidade profissional. O objetivo foi promover o uso funcional da língua francesa em situações de apresentação pessoal, estimulando a autoconfiança e a oralidade.

A segunda etapa, desenvolvida entre os meses de maio a julho, centrou-se na exploração da Francofonia e de temas culturais ligados à presença do francês no mundo, aproximando os estudantes dos contextos reais de uso da língua. Essa fase buscou articular os conhecimentos linguísticos iniciais com reflexões mais amplas sobre diversidade cultural e linguística do mundo francófono. Para isso, foi adotada a metodologia ativa de aprendizagem

baseada em projetos, que consiste, em linhas gerais, no engajamento dos estudantes na construção do conhecimento por meio de atividades práticas e críticas (de Angelo Nascimento; da Silva, 2025), desse modo, foi proposto um projeto de pesquisa em grupo, intitulado “A Francofonia no Mundo”, que culminou na AV2 (1º trimestre) — um seminário apresentado em slides.

Organizados em cinco equipes, os estudantes pesquisaram diferentes aspectos da presença da língua francesa nos continentes, abordando a diversidade linguística e cultural, os países francófonos e suas especificidades, bem como a influência histórica, diplomática e cultural da França e de outras nações francófonas. A apresentação oral foi conduzida em português pelos próprios alunos, com uso pontual de expressões em francês, de modo a facilitar a compreensão e incentivar o uso gradual da língua estrangeira em situações comunicativas autênticas.

Em termos didáticos, a disciplina foi orientada por projetos e temas geradores que dialogavam com os interesses dos estudantes e com seus projetos de vida. O foco foi o desenvolvimento de competências linguísticas aplicadas a situações concretas de uso da língua francesa, como a compreensão de vídeos, músicas e jogos, sempre respeitando o nível linguístico dos estudantes e promovendo um ensino inclusivo e acessível.

Por fim, a disciplina teve como propósito oferecer aos estudantes oportunidades de reflexão acerca das diversas possibilidades acadêmicas, profissionais e culturais vinculadas ao domínio da língua francesa. Considerada uma língua de circulação global, o francês abre caminhos para bolsas de estudo, programas de intercâmbio, carreiras diplomáticas, práticas de turismo sustentável, além de possibilitar o acesso a bibliotecas, eventos científicos e manifestações culturais de alcance internacional. Assim, a disciplina foi concebida como um espaço formativo que transcende o aprendizado linguístico, promovendo a ampliação de horizontes e a construção de trajetórias pessoais e profissionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta da disciplina “Francês para fins de estudo e trabalho” está ancorada nos fundamentos da educação linguística contemporânea, que compreende a linguagem como prática social e reconhece o ensino de línguas como espaço de construção de identidades, exercício da cidadania e acesso a direitos, uma educação linguística “ampliada, com interfaces para outros campos de estudo, e também para outras áreas de conhecimento [...]. Ou seja, uma educação linguística que vá além do conhecimento sobre a língua-alvo de ensino.”





(Cavalcanti, p. 212, 2013). A língua estrangeira deve ser compreendida não apenas como um conteúdo a ser aprendido, mas *sobretudo como uma ferramenta essencial para a inserção crítica e significativa no mundo.*

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2005, p. 82-86) lista um conjunto de conhecimentos culturais e socioculturais capazes de ajudar o aluno a compreender melhor a cultura do outro, e o encoraja a uma “tomada de consciência intercultural” que supõem o abandono de percepções etnocêntricas, permitindo uma atitude de abertura em direção à cultura estrangeira (capacidade de relativizar seu ponto de vista e seu próprio sistema de valores). (AUGER, 2010, p. 99 e 100)

No contexto do Novo Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) propõe uma reestruturação da área de Linguagens e suas Tecnologias, promovendo a integração entre os componentes curriculares — Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação Física — e incentivando abordagens que priorizem a produção de sentidos, o pensamento crítico e a articulação entre diferentes linguagens. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) assegurava que a escolha da língua estrangeira poderia considerar os interesses da comunidade escolar, contudo, em 2017 passou por modificações provocadas pela Lei nº 13.415 que, entre outras determinações, incluiu a obrigatoriedade do inglês a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II; já no Ensino Médio a mesma lei determina, no artigo 35, parágrafo 4º que

Os currículos do Ensino Médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2017, p. 1).

Tal obrigatoriedade retirou da comunidade escolar a liberdade de escolha, a diversificação de oferta de línguas e o poder de decisão curricular. Nesse cenário, a disciplina de francês se propõe a recuperar a tradição desse idioma no Brasil, historicamente presente desde o período colonial e, posteriormente, consolidado como referência cultural e acadêmica, como destacam Arruda (2020) e Girão (2023). O francês, por décadas, foi símbolo de prestígio intelectual, tendo papel central na formação escolar brasileira, até ser progressivamente substituído pelo inglês em função de interesses políticos e econômicos. A exclusão dessa língua da maioria dos currículos escolares reflete, portanto, um empobrecimento do repertório linguístico e cultural oferecido aos estudantes.

Ao oferecer o francês no Ensino Médio, esta proposta visa não apenas ampliar as possibilidades de comunicação dos jovens em uma segunda ou terceira língua, mas também

garantir o direito à diversidade linguística, assegurando experiências de aprendizagem plurais e contextualizadas. O ensino do francês é, nesse sentido, um ato político e decolonial, posto que as pedagogias decoloniais (WALSH, 2013; 2017) surgem de práticas de resistência e insurgência, realizadas nas margens e nas brechas do sistema pedagógico colonial, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos e críticos em uma sociedade globalizada.

A disciplina adota uma abordagem sociocultural e comunicativa, priorizando práticas de linguagem reais, colaborativas e contextualizadas, ligadas aos interesses dos adolescentes. A juventude é compreendida como uma categoria social dinâmica, marcada por múltiplas expressões culturais — como música, dança, redes sociais, audiovisual, moda e jogos digitais. Incorporar esses elementos ao processo pedagógico significa reconhecer as culturas juvenis como fontes legítimas de saber e como ponto de partida para o desenvolvimento de competências linguísticas, culturais e socioemocionais.

Além disso, a proposta responde a uma preocupação apontada por Feldmann (2009): a formação de professores conscientes de seu papel político e comprometidos com a transformação social. A docência não deve ser pautada apenas por competências técnicas e burocráticas, mas por uma atuação que compreenda o processo educativo como construção coletiva e ética. A formação docente, nesse sentido, exige abertura à pesquisa, ao diálogo e à inovação metodológica, sobretudo em um contexto de precarização da profissão e de redução das humanidades nos currículos escolares.

A disciplina de francês também valoriza o uso ético e crítico das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). A Web é entendida como ferramenta potente para a construção de práticas pedagógicas significativas, seja por meio do acesso a conteúdos autênticos e multimodais, seja pela articulação com redes de formação continuada. Ao estimular o uso responsável da internet e das plataformas digitais, a proposta buscou fomentar a autonomia dos estudantes e o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem compatíveis com a realidade tecnológica atual.

As mídias digitais facilitam o intercâmbio de informações e a visualização do ensino on-line, consequentemente, que facilitam o trabalho do professor e do aluno. Além do uso das mídias sociais, outras ferramentas digitais que auxiliam nessa modalidade de ensino é o uso de slides, vídeos, áudios, gravações, exercícios virtuais, formulários, plataformas de EaD e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), lousas digitais, webconferências, armazenamento em nuvem, documentos compartilhados, e-mail, dentre outros. (DALLAPICULA, COSTA, 200, p. 55)

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A proposta curricular, voltada à promoção do direito à diversidade linguística e à formação de sujeitos críticos e autônomos, buscou articular os interesses dos estudantes com possibilidades concretas de uso da língua francesa no campo acadêmico e profissional. A prática pedagógica foi orientada por uma abordagem comunicativa, intercultural, lúdica e decolonial, que combinou atividades de sensibilização linguística e cultural, o uso de materiais multimodais (como slides, vídeos, imagens e músicas francófonas), estratégias de gamificação e aprendizagem ativa (como quizzes, desafios e apresentações interativas), além de articulações interdisciplinares com os componentes de Geografia, História, Arte, Língua Portuguesa e Projeto de Vida. As atividades foram planejadas para respeitar o nível linguístico inicial dos estudantes e, ao mesmo tempo, estimulá-los à participação ativa, ao trabalho em grupo, à construção de sentidos e à autonomia.

O uso de recursos audiovisuais foi especialmente relevante na proposta, não apenas como ferramenta de motivação, mas como elemento formador da competência intercultural crítica, aqui entendida como “um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.” (WALSH, 2001, p. 11).

O audiovisual, ao integrar imagem, som, linguagem verbal e não verbal, permite uma aproximação significativa com os contextos de uso da língua, promovendo múltiplas leituras e ampliando o repertório cultural dos estudantes. Trechos de filmes como *Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain* e canções francófonas como *La Vie en Rose*, de Édith Piaf, foram utilizados em diferentes momentos, não como ilustração, mas como dispositivos pedagógicos mediados por atividades de escuta ativa, interpretação, produção oral e reflexão cultural.

A metodologia da disciplina também se inspirou na noção de multiletramentos e na pedagogia dos gêneros, trabalhando com textos orais, escritos e multimodais que circulam em contextos reais de uso. Essas práticas foram ancoradas nos princípios da educação linguística contemporânea ampliada e crítica, que reconhece a linguagem como prática social e o ensino de línguas como espaço de acesso a direitos, construção de identidades e inserção crítica no mundo globalizado. A avaliação foi formativa, participativa e diversificada, incluindo verificações escritas, seminários em grupo, apresentações orais individuais e participação nas atividades coletivas. As produções foram avaliadas com base em critérios como esforço, cooperação e criatividade, respeitando o nível de entrada dos estudantes e suas trajetórias de aprendizagem.

A aplicação de um questionário com os estudantes ao término da disciplina permitiu compreender os efeitos da proposta didática tanto do ponto de vista da aprendizagem linguística quanto em termos de engajamento e formação integral. Participaram da avaliação 11 estudantes, todos da 1^a série do Ensino Médio, com perfis diversos e diferentes níveis de contato prévio com línguas estrangeiras. Em relação ao perfil dos estudantes e nível de entrada, o questionário mostrou que antes do início do projeto, 72,7% dos estudantes declararam não ter nenhum conhecimento prévio da língua francesa, enquanto 27,3% afirmaram conhecer apenas algumas palavras básicas. Nenhum dos participantes havia estudado francês anteriormente, o que evidencia a importância da escola como primeiro espaço de contato com línguas não hegemônicas.

No que se refere às áreas de aplicação percebidas pelos estudantes, questionados sobre onde acreditam que poderiam aplicar os conhecimentos adquiridos em francês, as respostas se dividiram entre: turismo (45,5%); estudos superiores e intercâmbio (27,3%); profissões e mundo do trabalho (18,2%); apenas um aluno (9,1%) declarou não saber dizer. Esses dados mostram que os estudantes associaram a aprendizagem do francês a contextos concretos e futuros possíveis, como viagens, formação acadêmica e inserção profissional, em consonância com os objetivos da disciplina.

A maior parte dos alunos (72,7%) relatou ter compreendido melhor situações do cotidiano, como apresentações, pedidos e interações básicas. Outros 36,4% reconheceram ter aprendido sobre a cultura e costumes francófonos, enquanto 18,2% mencionaram ter assimilado termos técnicos profissionais, ainda que em nível inicial. Em termos de habilidades, os maiores avanços relatados foram: conversação com colegas e professor (45,5%); produção de pequenos textos e frases (27,3%); compreensão oral (18,2%); leitura (9,1%). Esses dados revelam que, mesmo em um tempo curto, os alunos desenvolveram competências comunicativas básicas, com destaque para a oralidade e a interação, o que reforça a eficácia da abordagem comunicativa adotada. A motivação geral foi muito alta: 90,9% dos estudantes se declararam bastante interessados, e apenas um estudante demonstrou pouco interesse. Essa recepção positiva reflete o alinhamento entre os conteúdos trabalhados e os interesses juvenis.

Quanto à relação com outras áreas do conhecimento, 45,5% apontaram vínculo com Arte e Cultura, e 18,2% com Geografia e História. Um terço dos alunos (27,3%) não percebeu relação interdisciplinar, o que aponta para a necessidade de tornar essas conexões mais visíveis nas futuras edições da disciplina. Sobre o papel do francês na formação futura: 81,8% acreditam que pode ser útil, dependendo da profissão; 9,1% acreditam plenamente no valor da



língua para o futuro profissional; apenas um aluno considerou desnecessário. Esses dados reforçam a percepção da língua francesa como um diferencial competitivo e um instrumento de ampliação de horizontes formativos, profissionais e interculturais.

A maioria dos estudantes (72,7%) apontou as atividades em grupo ou simulações como os recursos mais eficazes e interessantes. Textos técnicos, apostilas e vídeos foram menos citados, o que sugere a valorização de metodologias ativas e colaborativas. Sobre a continuidade do estudo da língua: 81,8% gostariam de continuar aprendendo francês; apenas um aluno declarou preferir outras línguas. Por fim, a última pergunta, de caráter aberto, trouxe depoimentos que evidenciam a importância subjetiva e afetiva da experiência. Os alunos relataram surpresa e entusiasmo com a inclusão do francês na escola, valorizando o contato com novas culturas e com um idioma “diferente do habitual”, além de reconhecerem o papel da professora como mediadora sensível e acolhedora.

Esses resultados dialogam com os estudos de Chnane-Davin e Cuq (2021), que enfatizam o papel do professor de FLE como mediador cultural e promotor de experiências de aprendizagem contextualizadas, especialmente em espaços escolares onde o francês é uma língua adicional. A proposta também se apoia em uma margem interpretativa da Lei nº 13.415 (Brasil, 2017), que possibilita, ainda que com resistência e em caráter optativo, a escolha de uma outra língua estrangeira além do inglês e espanhol, indicadas no texto da lei, e nas reflexões de Arruda (2020) e Girão (2023), ao apontar a urgência de práticas pedagógicas comprometidas com a educação linguística e com a formação integral dos sujeitos. Do mesmo modo, a crítica de Feldmann (2009) à tecnicização do trabalho docente reforça a importância de propostas como esta, que reconhecem a dimensão política, ética e criativa da docência em línguas.

A experiência da disciplina “Francês para fins de estudo e trabalho” evidencia, portanto, a potência de um ensino de línguas orientado por finalidades reais, sustentado por recursos interculturais e audiovisuais, e conectado aos interesses e projetos dos estudantes. Trata-se de uma proposta que vai além do ensino instrumental da língua, constituindo-se como espaço de resistência simbólica, valorização da diversidade e construção de novos horizontes formativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica relatada neste artigo evidencia que é possível e necessário construir espaços significativos para uma educação linguística ampliada, mesmo em contextos



desafiadores como o das escolas públicas brasileiras. A disciplina “Francês para fins de estudo e trabalho”, ao integrar dimensões linguísticas, culturais e formativas alinhadas aos interesses juvenis e aos princípios do Novo Ensino Médio, mostrou-se um campo fértil para o desenvolvimento de competências comunicativas, interculturais e socioemocionais. Mais do que ensinar uma nova língua, buscou-se ampliar o repertório simbólico dos estudantes e reafirmar o direito à diversidade linguística no currículo.

Os resultados apontam avanços na aprendizagem, no engajamento e na percepção do valor do francês como ferramenta de acesso a outras culturas, saberes e oportunidades. Mesmo sem experiência prévia, os alunos conseguiram se comunicar em situações básicas, reconhecendo a aplicabilidade da língua em diferentes contextos. A interdisciplinaridade com Artes e Humanidades, aliada a uma abordagem plural, lúdica e crítica, confirmou a relevância de práticas que rompem com a visão tecnicista do ensino de línguas. A experiência também reforça o papel estratégico da formação docente inicial, por meio de programas como o PIBID, na construção de propostas pedagógicas inovadoras e comprometidas com a equidade e o protagonismo estudantil.

Em um cenário de retrocessos na área de Linguagens e de exclusão de línguas estrangeiras não hegemônicas dos currículos, a inserção do francês como disciplina eletiva representou um gesto político e simbólico de resistência. Valorizar a pluralidade linguística e cultural é afirmar o direito dos estudantes a uma educação mais justa e globalmente conectada. Espera-se que experiências como esta inspirem novas iniciativas, consolidando a oferta de línguas diversas nos itinerários formativos e promovendo uma educação linguística crítica, inclusiva e sensível às realidades dos jovens amazônicas e brasileiros.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Larissa de Souza. Políticas públicas educacionais de FLE no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.7.7, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2596>. Acesso em: 28 jul. 2025.



AUGER, Nathalie. O estereótipo na sala de aula e nos livros didáticos de línguas: uma ferramenta de reflexão para a didática. In: BARROS, Maria Lúcia Jacob D. de; BARBOSA, Márcio Venício; ROCHEBOIS, Christianne Benatti (orgs.). **Recherches en didactique des langues étrangères – Thèmes majeurs = Pesquisas em didática de línguas estrangeiras – Grandes temas**. Ed. bilíngue. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2013. p. 95-109.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>. Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. **Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/13415.htm. Acesso em: 14 out. 2025.

CAVALCANTI, Marilda C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: LOPES, L. P. da M. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 211-226.

CHNANE-DAVIN, Fatima; CUQ, Jean-Pierre. Culture savante : la chanson et le cinéma. In: CHNANE-DAVIN, Fatima; CUQ, Jean-Pierre. **Enseigner la francophonie : principes et usages**. Paris: Hachette, 2021.

DALLAPICULA, Ana Luiza; COSTA, Marcos Rogério Martins. Usos de ferramentas digitais no ensino de língua estrangeira. In: COSTA, Marcos Rogério Martins; DALLAPICULA, Ana Luiza (org.). **Metodologias de Ensino de Francês: Debates, Reflexões e Desafios do Século XXI**. – Formiga (MG): Editora Uniesmoro, 2022. 76 p. : il.



DE ANGELO NASCIMENTO, Ocemara Martins; DA SILVA, Tássio José. Metodologias ativas: aprendizagem baseada em projetos. In: FARIA, Bruno Matos de (org). **Práticas e inovação na abordagem multidisciplinar (livro eletrônico)**. Rio de Janeiro: Epitaya, 2025. E-book. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/1-134/1189>. Acesso em: 16 out. 2025.

FEDMANN, Marina Graziela (org.). Formação de professores e cotidiano escolar. In: FEDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. p. 71- 80.

GIRÃO, Stéphanie Soares. O ensino de línguas no Brasil e na(s) Amazônia(s) brasileira(s). In: **Ensino de literatura e formação de professores de francês na(s) Amazônia(s) brasileira(s)**. 1. ed. Araraquara, SP: Letraria, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.letraria.net/download/ensino-de-literatura-e-formacao-de-professores-de-frances-nas-amazonias-brasileiras/>. Acesso em: 14 out. 2025.

WALSH, Catherine. **La educación intercultural en la educación**. Peru: Ministerio de Educación, 2001. Disponível em: https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/La%20interculturalidad%20en%20la%20educacion_0.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

WALSH, Catherine. (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir. 1. ed. (v. I). Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine (org.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir. 1. ed. (v. II). Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.